

Flores mirandezas

---

JOSE LEITE DE VASCONCELLOS PEREIRA DE MELLO



JUL 1884

J. LEITE DE VASCONCELLOS

---

---

FLORES

# IRANDEZAS

---

PORTO

LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.<sup>ª</sup>

119, Rua do Almada, 123

1884



Al seu bõm amigo  
F. Adolpho Coelho,  
'Lautõ'

FLORES MIRANDEZAS

Do mesmo auctor:

*Lingoagem popular portugueza*, 1882.

— *O dialecto mirandês*, Porto 1882 (obra premiada no Concurso Philologico da « Sociedade das linguas romanicas » de França em 1883).

*Sub-dialecto alemtejano*, Elvas 1883.

*Dialecto brasileiro*, Porto 1883.

*Dialecto hispano-extremenho*, 2.<sup>a</sup> ed., Barcellos 1884.

*Dialectos beirões*, I, Porto 1884.

*Dialectos beirões*, II-IV, Porto 1884.

*Contribuições para o estudo da lingoagem infantil* (em publicação),  
Barcellos 1884.

# FLORES MIRANDEZAS

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS *Pereira de Mello*

Alumno da Eschola Médica do Porto

---

PORTO

LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.<sup>as</sup>

119, Rua do Almada, 123

—  
1884



1202180

PC  
5403  
.L4

AL

MÍU CARO AMIGO

A. R. GONÇALVES VIANNA

*Induxi te ad legendum: sincerum mihi  
Candore noto reddas iudicium peto.*

(Phaedrus ad Eutychum).



Traiêndo a lhume éstes bérfos am mirandés, sólo têngo am bista dar ãña ideia, ânque pequéinha, d'aquélha lhêngua, qe se fala na *Tiêrra de Miranda*.

La jênte cumprênde de çêrto cumo yê deficêl lhebar al cabo éste trabalho, púrque, num abêndo até óije ningũnas obras screbidas subre la lhêngua mirandéza, senó las mÿês, iou num pudîê seguir a náide.

Para se num êrrár la prenúncia nim 'l fêntido, póngo ne fim dël lhibro ãña nó't' am purtués, culs principais sóuns mirandézes i c'um *Glossarium* de las palabras cúlã flô splicaçióum.

Tiêrra de Miranda, 8 de  
Setiêmbro de 1884.

*J. L. de V.*



## ÂLS PUÉTAS

O puétas, altibas naturézas,  
Q'andais buscando 'l bélo i la berdade,  
Sóum para bós, na sũô siplecidade,  
Éstas pequéinhas *flóres mirandézas*.

Tiérra de Miranda,  
8 de Set. de 1884.



## LA LHÊNGUA MIRANDÉZA

A MANOEL SARDINHA

Q'ê m dirîê q'antre 'ls matos èiriçados,  
Las ourriêtas i 'ls rîus d'êsta tîêrra,  
Bibîê, cumo 'l chaguárço de la fîêrra,  
Ũna lhêngua de fôuns tã bariádos?

Mostre-fe i fále-l' éssa lhêngua, filha  
D'um póbo qe tîêm néilha 'l chóro i 'l cânto!  
Nada pur çîêrto mus câutiba tânto  
Cumo la fórm' am qe l'idéia brilha.

Desgraçado d'aqél, q'abandunâdo  
La patri' am qe naçiu, la caza i 'l ũôrto,  
Tamiêm fe sqéçe de la fala! Quâdo  
'L furdes bér, talbéç qe stéia mũôrto!

—  
Tierra de Miranda,  
7 de Set. de 1884.

## MARIÊ

A mulher, p'ra ser mulher,  
Deve-se chamar Maria.

(CANT. POP. PORT.).

La lhuna, cumo um qéizo,  
N'aire fe béi arghida:  
Dá-me na bóca um béizo...  
Cu'él me darás la bida!

Ântre las brimes bérdes  
Pafa cantândo 'l ríu:  
Cumigo num te pérdes,  
Amór míu, amór míu!

Dél mónte 'l pasturico  
Rectólhe 'l fôu ganado :  
Num ñ hai nada mais rico  
Q'um peito namurado.

Qe guápa ! qe bistóza  
L'aldé ! Amór fim fim !  
Mariê, tu fós la róza  
De tód'êste jardim.

Tierra de Miranda,  
7 de Set. de 1884.

## A ÛNA

« Associação Académica »

A E. COSTA MACEDO

Iôu bus faludo alégre, antuziasmado,  
Móços, a qĩem caléçe um sol tã puro,  
Balĩêntes struidóres dẽl pafado,  
Atrebidos fuldados dẽl feturo!

Iôu bus faludo, armãnos míus! La bida  
Num ñ yê fenó la marcha glurióza  
De la berdade: stéia fĩêmpre arghida  
La nõf' alm' a la lhuç culór de róza!

Si aqél qe para trás fóllo camina  
Bus dezir: — Arrecula, muçidade!...  
Bós respundeí-le (la rezóum 'l anfina):  
— Num se defam' afi la Libardade!

Alijó, Setiêmbro  
de 1883.

## TRÓBAS

Ar regorbé d'una esquina  
Te bí la primera be...

(CANT. POP. ANDAL.).

Nunca houbo am tódo 'l lhugar  
Ūna rapáza máis guápa!  
Q'iem, drênto de la fũô cápa,  
Pud'êra drumir, sunhar!

'L sol num tém tanta lhuç  
Cumo 'ls fôus ôlhos castanhos!  
Nim 'l splandór de la cruç  
Cauza desmáios tamanhos!

Iôu de çêrto qe studára  
La çiência máis cumpléta  
Na fũô cabelheira préta,  
Nas tintas de la fũô cára.

\*

Qe fâuidade i dëlór!  
Tód' efo acaba, Mariê!  
Afi num fufe 'l amor  
La roza d'um fólo diê!

Tierra de Miranda,  
7 de Set. de 1884.

## PURTUÁL

(*Camões* — LUS. III, 20-21)

A TRINDADE COELHO

Béde-lo, quaije n'alto d'la cabéça  
D' l' Europa tóda 'l reino Luzitano,  
Dónde la tíêrr'acaba i 'l mar ampéça  
I dónde Febo durme n'Oceano.  
'L Çiêlo qijo q'ést' èiqi fluréça  
Nas armas cónta 'l bruto Mauritano,  
Butando-lo de fi, i ni 'l deixando  
Alhá, n'Africa, star la paç guzando.

\*

Yê ésta la mîê patria múi amada:  
Si a éilha me lhebar 'l Çiêlo amigo,  
Cum tóda la mi' obra yá acabada,  
Apaghe-f' ésta luç ênde cumigo!  
Fui d'atrás Luzitania, así chamada  
De Luzo ou Lyza, qe dël Baco antigo  
Érã filhos, pareçe, ou cumpanheiros,  
I antre 'ls sours abitantes 'ls purmeiros.

Tiêrra de Miranda,  
8 de Set. de 1884.

## AD TE VENIO

O dia que non che falo  
Tod' é tristeza na y alma.

(CANT. POP. GALLEG.).

Ah! tu num fabes 'l prazér qe têngo  
Bêndo 'ls tous ólhos claros cumo 'l dñê!  
Sou de múi lónje, i alhá de lónje bêngo,  
Prizuneiro d'amór, am rumariê:

Puis hai acauzo rumariê máis fanta  
Qe la qe 'l curaçóum fai a l'amór?  
L'amór! Nêl nial 'l raísenhór 'l canta,  
Respira-lo nas árbeles la flór.

L'amór! La fũõnte chéna de duçura  
Adõnde tódos bamos a bubér...  
Sim él, la bida era ñña nuite scura,  
I 'l mundo fulidóum fim la mulhĩer.

Cumo la róza, qe pëndiu ne fũõlo,  
Se lhebãnta cul aire que pafou,  
La mi'alma cumtigo, qe cunfũõlo!,  
Pãl Çiêlo i pâla lhuç fe lhebantou.

Tièrra de Miranda,  
6 de Set. de 1884.

## LAS MURALHAS DE MIRANDA

A BRANCO DE CASTRO

Que quiés ! ye un trabayu  
Q'el Señor me dá.

(POEZ. ASTUR.).

Dũól-me tânto afi bér óije ne châno  
Éstas rúinas d'atrás tã festejadas  
N'el burburino umâno !

La bõfa pén' am fim sufrei calhâdas :  
Tódo f'acaba ! tódo cái ! Subrâno  
Cũôrre 'l tñempo. Cuitadas !

Am baixo tristemênte 'l Douro chóra,  
Cumo n' èigreja, antre las fóias friês,  
La cruj' a tóda l' óra :

Sóum múi malos, oh fi, 'ls bófos d'ês!  
La termiênt' alhá riba f' oub' agóra,  
— Qe lhagrimas las m'ês! —

I bós, fim fũôrça, fim bigór, al ménos  
De gherra num pudeis fultar um grito  
Páls ç'êlos ferénos!

Éfo fui tódo pul Destino scrito . . .  
Ai de mi! Nada firbe yá 'l miu *threnus*,  
Perdido n'anfenito!

Tierra de Miranda,  
8 de Set. de 1884.

# NOTAS



Quando, no *Auto das Fadas*, o nosso incomparavel Gil Vicente apresenta o Diabo a fallar em *lingua picarda*, isto é, numa lingua inintelligivel para o público, um frade responde :

Que linguagem he essa tal ?  
Hui! e elle falla aravia!

e pouco depois :

Dá ó demo esse latim,  
Que não entendo o que he.

Creio tambem que mais de um leitor, ao percorrer a collecção precedente, soltará uma exclamação analogá á do pobre frade, e me cobrirá de um sorriso de zombaria : porque a multidão nunca acceita sem reluctancia as novidades que saíem do gabinete de quem estuda. O mirandês, apesar de fallado na maior parte do concelho de Miranda, e consequentemente por uma população numerosa, é quasi des-

conhecido no resto do país<sup>1</sup>. Muitas pessoas, a quem tenho mostrado trechos nessa lingua, objectão-me que ella representa uma mistura de gallego ou de hispanhol; mas o que eu concluo é que taes pessoas

<sup>1</sup> Folgo de transcrever aqui, com a devida venia, um fragmento de uma carta que o meu presado amigo e distincto escriptor transmontano, Manoel Sardinha, me dirigiu ha dias: . . . « Iôu mesmo, qe fei bñem este dialecto, folo agora, graças al bñôfo bum eizemplo, i tamñem al bum gusto que m'apeghestes, ampeço a descubrir filones d'ouro nesta antressantissima lhêngua, qe se tém cunfervado stacionaria, cumo las jentes sênziêlhas que la fálã, Dios fabe quantos seclos habrá yá. I todo esto debemos nuzoutros, los anfelizes mirandezes, a los gubernos paternales dêl rei nñôfo finhor, que fñêmpre nos hã despreziado, i a los fabios num menos paternales de las nñôfas academias, que nim seqñera sabem de la eizistencia de tal mina, esto yê, de tal lhêngua. Bergonha aterna a todos eilhes! . . . ». — Devo notar que ha alguma differença entre a linguagem de S. Martinho de Angueira, onde vive Manoel Sardinha, e a de Duas-Egrejas, que é a de que me eu sirvo.

não só não sabem o gallego nem o hispanhol, mas não possuem sequer a minima noção do que seja a vida da linguagem. Na estreiteza de uma nota não posso espriar-me em largas considerações; por isso limito-me a affirmar que o mirandês é uma lingua fundamentalmente diversa das outras linguas peninsulares<sup>1</sup>. Como ésta, descobri e estudei ainda este anno, nas ferias de Setembro, mais duas linguas populares em Tras-os-Montes (em Rio d'Onor e Guadramil, — concelho de Bragança): de modo que em Portugal fallão-se hoje, pelo menos, quatro línguas differentes, afóra uma boa porção de dialectos.

Ainda que não sou transmontano, tenho, como portugêus, o maximo interesse pelo mirandês e pelas demais linguas congêneres: eis o que me levou a emprehender ésta pequena publicação, cuja curiosidade attrahirá por ventura outros, que, colligindo contos e poesias populares, e escrevendo trabalhos originaes, possão em breve dotar de uma litteratura variada essas linguas, que vivem desterradas e ignoradas no meio das asperezas da pro-

---

<sup>1</sup> Vid. o meu livro *O dialecto mirandês*.

vincia de Tras-os-Montes. Pela minha parte, além dos estudos scientificos que estou dispondo para o prélo sobre as linguas e dialectos transmontanos, preparo ao mesmo tempo uma *Camoniana mirandesa*, que conterà a traducção de algumas composições do nosso epico. Não se nota na moderna Europa um movimento tão salutar de renascimento litterario e linguistico? Que immensidade de *patois* se não estão escrevendo na França! As proprias revistas scientificas, como a *Romania* e a *Revue des langues romanes*, archivão as producções da litteratura provinciana. Considerações analogas eu faria, se o espaço me não faltasse, a respeito de outras nações, onde a existencia de linguas officiaes não prejudica o desenvolvimento dos dialectos e das linguas não-officiaes.

O mirandês apresenta variações dialectaes, sendo uma das mais notaveis, o *sëndinês*, ou lingua de Sendim. Em S. Martinho de Angueira diz-se, por exemplo, *más* (= mais), *cumpreto* (= completo), *studiar* (= estudar); a palavra *fóia* tem uma accepção differente da que tem em Duas-Egrejas, etc. Neste meu trabalho cinjo-me ao mirandês de

Duas-Egrejas, que é o que eu sei melhor, por ter estado alguns dias, por duas vezes, nesta ultima povoação.

Eis agora as observações phoneticas e o glossario que prometti no prologo :

a) **Phonetica**

a..... (sem accento) tem o valor dos *aa* de *câda*.

ǣ..... indica o som do *e* no portuguez *se* (*e* surdo); póde ser nasal, e então sôa como, na pronúncia portuense, na palavra *sẽntido*.

é..... indica um som comprehendido entre os nossos *é* e *ê*.

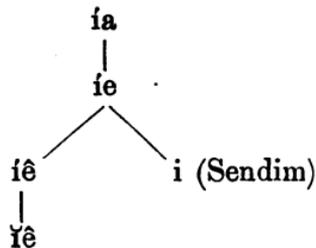
è..... indica o som precedente em syllaba atona.

ó..... indica um som comprehendido entre os nossos *ó* e *ô*. Será analogo ao som do *o* hispanhol em alguns pontos, pois que este tambem varia, como já tive occasião de verificar.

õ . . . . . indica um som entre os nossos ô e u (corresponde ao u inglês de *full*). Considero este som mirandês como um resultado do ditongo *ũô*. Effectivamente os dois sons encontram-se numa mesma palavra, segundo os individuos. Às vezes mesmo se confundem com ô e u. Alternão-se pois: *ũô, õ, ô, u*.

o . . . . . final, e antes de s final, sôa como em português.

ĩê . . . . . ditongo, com um i rápido. Na pronúncia de Sendim este ditongo é substituído por outro. A génese d'elle creio ter sido a seguinte:



Tractarei mais detidamente d'este ponto noutra occasião.

- ũô . . . . . ditongo, com um *u* rapido.
- íu . . . . . ditongo. Ouve-se no Porto etc. nos preteritos, por ex. em *fugiu*.
- úi. . . . . não é nasal em *múi* e *múito*, onde tem o mesmo valor que em *núite* (= noite) e *ruína* (= ruina).
- óum. . . . . representa o ditongo *óu* nasal.
- y . . . . . É o *y* hispanhol de *yó*, *yá*, etc.
- ñ . . . . . É o *n* guttural (germanico *ng* em ingl. e allem.). Emprego o signal diacritico ñ a exemplo de Lepsius, *Standart Alphabet*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 62. — Cf. tambem Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*, pag. 26. — Encontra-se geralmente entre nasal e vogal.
- ch . . . . . representa sempre o *ch* castelhano, isto é, a explosiva palatal surda, como se ouve em Portugal, no Norte, na palavra *chave*.
- gh. . . . . indica que o *g* antes de *e* e *i* não adquire o valor do *j* português.

- h. .... Não tem valor phonetico. Emprega-se só em alguns tempos do verbo *haver*, por causa de confusão com outras palavras, e em interjeições.
- l. .... É o *l* gutturalizado, isto é, o *l* que se ouve na palavra *silva*. Corresponde ao *l* cortado do polaco. Cf. Gonçalves Vianna, *ib.* pag. 20.
- Ł. .... tem o mesmo valor que *l*.
- f. .... inicial de syllaba, mesmo entre vogaes, tem o valor do *s* castelhano. Ver a sua descripção no citado trabalho do meu amigo e distincto glottologo Gonçalves Vianna, pag. 24.
- S. .... Tem o mesmo valor que *f*.
- z. .... É a sonora do *f*. Ouve-se na Beira-Alta etc. em *caza*.
- s. .... Sempre final de syllaba, ou inicial antes de consoante (*s* impuro). É um *f* atenuado. Quando a syllaba seguinte começa por vogal, *m*, *n*, *l*, ou consoante sonora, sôa como *z*.
- ç. .... Corresponde ao *s* de Lisboa, e, segun-

do algumas vezes ouvi, ao *s* do Porto. Aquelles que não conhecerem o valor do *s* d'estas duas cidades podem pronunciar o *ç* mir. como o *s* francês, que se lhe aproxima. Quando a palavra seguinte começa por vogal, *ç* tem o valor de *z*.

*z*, . . . . . É a sonora correspondente ao *ç* (*z* de Lisboa ou do Porto).

As nasaes represento-as como em portugûes; assim por ex. *ã*, *an*, *am* tem o mesmo valor. O signal *m'* denota que o *m* se pronuncia, porque neste caso o apostropho marca a supressão de uma vogal a que o *m* estava junto. O signal *n'* denota tambem que o *n* se pronuncia, pelo mesmo motivo.

A phonetica mirandeza é muito mais complexa, mas isto basta para se poder ler o presente opusculo. Todas as outras letras tem o mesmo valor que em portugûes.

\*

## b) Glossario

aênde, *ahi*.

aire, *ar, vento*.

al (que se lê *âl*), *ao*.

aldé, *aldeia*.

alhá, *lá*.

am, *em*.

ampéça, *começa*.

ânque, *ainda que*.

árbeles ou árbules, *arvores*.

arghida, *erguida*.

armanos, *irmãos*.

arrecúlã, *recúa*.

béi, *vê*.

béizo, *beijo*.

bêngo, *venho*.

brimes (fem.), *vimes*.

burburino, *borborinho*. Póde ter sentido translato.

caléçe, *aquece*.

calhadas, *caladas*.

cabelheira, *cabelleira*. É, porém, mais usado *pélo* e *lhânas*.  
camina, *caminha*.  
câutiba, *captiva*.  
chaguarço ou chagarço, *planta*.  
chano, *chão*.  
chéna, *cheia*.  
cruj' (cruja), *coruja*.  
cula, *com a*.  
culór, *côr*.  
çfêlo, *ceu*.  
d'atrás, *d'antes, outr'ora*.  
dêlór, *dôr*.  
dezir, *dizer*.  
drénto, *dentro*.  
düôl-me, *doe-me*.  
éilha, *ella*.  
èiqui, *aquí*. Outros dizem como nós.  
eirichados, *erriçados*.  
êl, *elle*.  
fai, *faz*.  
fazife, *fizesse*.  
friê, *fria*.

fui, *foi*.  
ganado, *gado*.  
hai, *ha*.  
iôu, *eu*.  
'l, 'l, *o*.  
la (que se lê *lã* e não *lá*), *a*.  
lhebar, *levar*.  
lhebantou, *levantou*.  
lhuna, *lua*.  
lhuç, *luz*.  
lo, *o*.  
malos, *maus*.  
mîês, *minhas*.  
mus, *nos*.  
néilha, *nella*.  
nial ou níu, *ninho*.  
ne ou nêl, *no*.  
ningũna, *nenhuma*.  
nim (e *ni* antes de l, etc.), *nem*.  
ourriêta, *valle*.  
pác, *paz*.  
pals, *para os*.  
pasturico, *pastor*.

pëndiu, *pendeu*.

pequénha, *pequena*.

póngo, *ponho*.

préta, *preta*. É mais geral *négra*.

prizuneiro ou prezioneiro, *prisioneiro*.

pul, *pelo*.

Purtual ou Purtugal, *Portugal*.

purtuês ou purtuguês, *português*.

qéizo, *queijo*.

qijo, *quiz*.

râisenhor, *rouxinol*.

rapáç, *rapaz*.

rúinas (dissyllabo), *ruínas*.

saludo, *saúdo*.

fâuidade (fau-i-da-de), *saudade*.

fenó, *senão*.

fim, *sem*.

fólo, *só, sómente*.

fós, *és*.

fou, *seu e sou*.

fóum, *são*.

ftéia ou sté, *esteja*.

ĩũô, *sua*.

fũôlo, *solo*.

tengo, *tenho*.

ténëm, *tem*.

termiênta ou tôrmiênta, *tormenta*.

tódo, *tudo*.

tou, *teu*.

ũôrto, *horta*.

ũa, *uma*.

yá, *já*.

yê, *é*.

Reservo a explicação etymologica para quando me occupar do vocabulario mirandês na sua totalidade.

Porto 10 de Outubro de 1884.



LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.<sup>a</sup> — Editores

PORTO

---

---

**J. Leite de Vasconcellos**

<i>Tradições populares de Portugal.</i> 1 vol.....	50
<i>Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas.</i> 1 vol.....	100
<i>Diccionario da chorographia de Portugal.</i> 1 vol.	tal
<i>O Dialecto mirandês.</i> 1 vol.....	

89016631111



b89016631111a

---

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, rua da Cancellia Velha, 70



89016631111



b89016631111a